

Idealismo Absoluto em Filosofia da Ciência

Dr. Ricardo Pereira Tassinari – Departamento de Filosofia - UNESP

Última Atualização: 13/08/10

No texto didático *A Ciência Contemporânea e a Noção de Modelo*, vimos como a ciência é caracterizada pela construção de modelos e como estes podem ser vistos como um sistema de operações sobre signos. No texto didático e *Sobre um Possível Idealismo Absoluto*, vimos a possibilidade de consideração da Realidade como Ideia. Por fim, no texto didático *Sobre o Sistema de Operações sobre signos* fizemos uma análise da Ciência como correlativa a sistemas de operações sobre signos, segundo a Epistemologia Genética. Neste texto, objetivamos mostrar como, segundo aquele idealismo absoluto, temos a exposição da Ideia através de sistema de operações sobre signos.

A Ideia e os signos.

Tratemos então aqui um pouco melhor da relação dos signos com a Ideia.

Notemos que, tanto nos modelos, quanto na linguagem natural em geral, o signo é utilizado para designar os significados.

Mais ainda, temos a possibilidade de, em princípio, usar um signo para designar qualquer coisa que está em nossa consciência e temos, também, que cada uma dessas coisas é um possível objeto de conhecimento.

Podemos, então, considerar que:

A Ideia é o sistema da totalidade do que temos a possibilidade de designar por signos.

Notemos que a descrição da Realidade pela Ciência Contemporânea pressupõe sempre uma teoria ou modelo e, portanto, um sistema de signos que organizam os dados da Realidade.

Essa é então a primeira forma da relação dos signos com a Ideia: os elementos da Ideia podem ser estudados pela construção de modelos e sistemas formais ou mesmo teorias gerais sobre eles (sobre sistemas ou teorias formais veja o texto didático *A Lógica e o Sistema de Operação sobre Signos*), e assim os elementos descritos pelas teorias da Ciência Contemporânea fazem parte da Ideia.

Mais ainda: os elementos descritos em qualquer linguagem que se utilize de signos (por exemplo, em um argumento filosófico, escrito ou falado), na medida em que que são designados por signos, fazem, também, parte da Ideia.

Se chamamos de *significante* a tudo aquilo que é usado para designar um significado, como, por exemplo, no caso de um desenho (significante) que designa a coisa desenhada (significado), ou ainda, no caso dos próprios signos, podemos considerar que o que pode ser designado por um significante qualquer, diferente de um signo, pode vir a ser designado também por um signo: basta cunharmos uma palavra, se ela já não existe, para designar o significado que o significante já designava.

Assim, usando o Diagrama *R* (confira o texto didático *Sobre o Sistema de Operações sobre signos*), podemos representar o que faz parte da Ideia (em uma primeira aproximação, que será corrigida adiante) pelo Diagrama 1 abaixo.

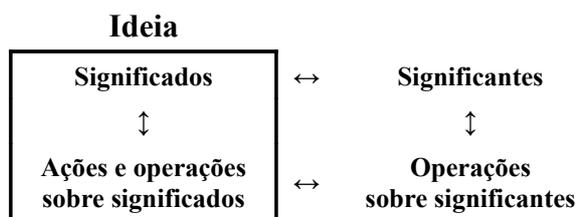


Diagrama 1: o Diagrama R e a Ideia (uma primeira aproximação);

Contudo, notemos que, do ponto de vista da Ideia, o descriptor “*coisas que não tem a possibilidade de ser designadas por signos*” é uma contradição em termos, pois essa sequência de signos já estaria designando essas próprias coisas. Logo, do ponto de vista da Ideia, não existem coisas que não podem ser designadas por signos e assim, não existem coisas que não possam ser consideradas significados.

Assim, a Ideia é constituída de significados e, dentre estes estão, inclusive, os próprios significantes e as operações sobre significantes.

O Diagrama 2 abaixo representa então a relação entre a Ideia e o Diagrama R (corrigindo o anterior).

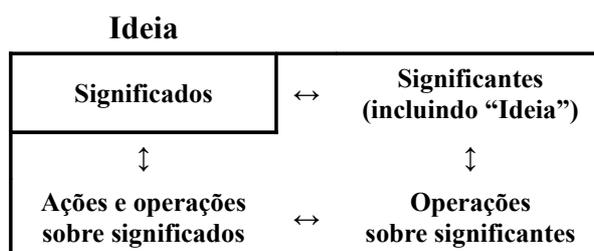


Diagrama 2: o Diagrama R e a Ideia (Corrigido)

Notemos que o Diagrama 2 deve ser entendido como se existisse sempre uma expansão do retângulo menor, no canto superior esquerdo, para o retângulo maior, sendo que, no Diagrama 2:

- (1) o retângulo menor indica que a Ideia é constituída de significados;
- (2) o retângulo maior indica que significantes, ações e operações sobre significados e operações sobre significantes também são significados e, conseqüentemente, fazem parte da Ideia;
- (3) a dupla representação (retângulos menor e maior) indica o aprofundamento no estudo da própria Ideia, na medida em que os próprios significados (representados pelo retângulo menor) vão se diferenciando em significantes, ações e operações sobre significados e operações sobre significantes (representados no retângulo maior), pelo estudo que estamos realizando;
- (4) a utilização do signo “Ideia”, com aspas, é a utilização de um significante que designa a própria Ideia, como fazemos aqui neste texto!

Notemos então que, mesmo com esse aprofundamento no estudo da Ideia, mantemô-nos no idealismo absoluto exposto no texto didático *Sobre um Possível Idealismo Absoluto*, conforme a Definição 3 desse mesmo texto que reproduzimos abaixo

O idealismo aqui exposto é um idealismo absoluto, no sentido que: mesmo que nosso conhecimento da Realidade em suas especificidades se modifique e que diversas consciências respondam diferentemente à nossa questão inicial, assumindo outros princípios, admitimos poder manter sempre as definições de consciência (Definição 1) e Ideia (Definição 2) e os Princípios 1, 2,

3, 4 e 5, que estabelecem a identidade entre Ideia e Realidade e a necessidade da liberdade das diversas consciências em suas diversas visões filosóficas da Realidade.

Assim, a exposição da Ideia acaba sendo uma complexificação do sistema das ações e operações sobre significados, dentre os quais também estão os significantes, inclusive o signo “Ideia”, complexificação que é exposta inclusive por este texto!

Trataremos logo a seguir dessa exposição da Ideia.

Por fim temos, quanto à questão de se determinar se a natureza da Ideia é *subjetiva* (i.e., se seus elementos estão relacionados ao conhecimento de um sujeito) ou *objetiva* (i.e., se os objetos preexistem em relação aos sujeitos), temos que a Ideia é tanto subjetiva (já que, em princípio, é um sujeito quem designa os elementos da Ideia); quanto objetiva (na medida em que seus elementos preexistem em relação a qualquer sujeito particular); nesse sentido, a Ideia é *condição* da subjetividade e da objetividade.

A Autoexposição da Ideia

Já vimos que os modelos, os sistemas formais, o Sistema das Ciências (definidos nos outros textos didáticos já indicados), e os textos filosóficos, como este aqui, aparecem como exposições de *uma parte de nosso conhecimento possível*, logo, como exposição de uma parte da Ideia.

Assim, admitido o processo de construção de modelos, sistemas formais, do Sistema da Ciência e dos textos filosóficos é parte de um processo de exposição da Ideia, temos que um texto filosófico como este aqui, é parte do processo autoorganizado de autoexposição (cf. a noção de auto-organização no texto didático *A Ciência Contemporânea e a Noção de modelo*) da Ideia, já que, sua exposição:

- (1) ocorre no interior da Ideia e devido aos elementos da Ideia;
- (2) e, por se dar nesse interior da Ideia, constitui um processo de *autoexposição* da Ideia;
- (3) a cada momento, torna mais complexo o que autoexposto pela Ideia;
- (4) não tem modelo único para expressar toda a Ideia; e
- (5) a cada etapa, o conteúdo da Ideia tem a possibilidade de ser expressa *parcialmente* (ou mais precisamente, de forma incompleta) por modelos e teorias,
- (6) essas construções de modelos formam, em princípio, uma sequência necessariamente infinita (assim a Ideia é, necessariamente, *auto*, isto é, o que é autoexposto dela e por ela é propriamente o seu conteúdo ilimitado, de forma ilimitada).

Podemos ainda assumir aqui que a Ideia é inteligível e inteligente, como caracterizado a seguir.

Com efeito, diremos, por definição, que a Ideia é *inteligível* na medida em que é a totalidade daquilo que tem a possibilidade de ser conhecido.

E diremos também, por definição, que a Ideia é *inteligente* no sentido de que, nessa visão, o próprio processo de conhecimento se torna então um processo autoorganizado de autoexposição da Ideia, como descrito acima.

Dessa forma, nossa reflexão estabelece um elemento *sui generis*, a Ideia princípio inteligível e inteligente do conhecimento e dos seres, na qual está tudo aquilo que tem a possibilidade de ser tornado consciente.

Nas referências, no final deste texto, podemos encontrar exemplos de aplicação de elementos desse idealismo absoluto em Lógica e Filosofia da Ciência.

Observemos que a impossibilidade de se ter um modelo único para o Sistema das Ciências (cf. final do texto didático *A Ciência Contemporânea e a Noção de modelo*) implica a

impossibilidade de um modelo único da Ideia, logo, implica a impossibilidade de redução da Ideia à um modelo particular, como, por exemplo, à Física, à Biologia, à Psicologia ou à Sociologia, o que exclui a possibilidade de um fisicalismo, biologismo, psicologismo ou sociologismo estritos.

Referências

- TASSINARI, R.P., *Incompletude e Auto-Organização: Sobre a Determinação de Verdades Lógicas e Matemáticas*, Campinas: UNICAMP, IFCH, 2003.
- , *Lógica Contemporânea, Filosofia da Ciência e Idealismo Absoluto*. Contemplação, Marília-SP, v.2, p.1-3, 2005.
- , *Sobre a Realidade-Totalidade como Saber Vivo e a Auto-Organização do Espaço Físico*. In: GONZALEZ, M.E.Q e D"OTTAVIANO, I.M.L. e BRESCIANI F°, E., 2007.
- , *Ciência Cognitiva: Ciência ou Filosofia?* In: COELHO, J.G.; GONZALEZ, M. E. Q.; BROENS, M. C. (Orgs.), 2007.